

1 Introdução

Dedicar-se a analisar a poética-pensante de Guimarães Rosa e Friedrich Nietzsche é uma tarefa intensa e, ao mesmo tempo, encantadora. É curioso ocupar-se da produção criativa de dois autores que inventaram universos tão complexos e sofisticados, que nos deparamos, a todo momento, com a incapacidade de abarcá-los plenamente. No entanto, é isso o que torna o trabalho ainda mais envolvente. Ambos autores consideraram o modo de expressão como “instrumentos pensantes” e elaboraram linguagens especiais para apresentar seus pensamentos, críticos e peculiares.

O viés que esta tese persegue não é comparativo. Ou seja, não se trata de aplicar, explicar e justificar as estratégias de um em relação ou em detrimento ao outro. Tampouco o interesse é perceber a relação entre filosofia e literatura elegendo algum desses saberes como superior ao outro; ou mais criativo; ou mais reflexivo. Há mais interesse em perceber por que e como seus pensamentos se encontram, já que vamos considerar que recorram a espaços especulativos consoantes.

Rosa, assim como Nietzsche, viveu em um contexto histórico “progressista”, e inventou estratégias na “contra-mão”. Ambos “retrocederam” propositalmente, colocando em xeque a euforia de seus contemporâneos históricos frente às novidades daquele momento. Eles recorreram ao “caótico”, ao mundo das misturas, em devir, ao invés de buscarem o caminho da luz, da segurança, da “racionalidade pura” e das “comodidades modernas”. O espaço mítico-poético é retomado e reelaborado, ampliando o lugar de formação do conhecimento e interpretação de mundo. Nossos autores tornam-se “inatuais”, sem, no entanto, perderem de vista o presente.

A tese está estruturada em três blocos, que interferem uns nos outros, sem cessar. Inicia-se por tratar o “Caso Nietzsche”: um ex-filólogo que tentou tratar o objeto da ciência que estudava e lecionava de forma “intempestiva” e “contemporânea”. Este último termo, tomamos emprestado do pensador italiano Giorgio Agamben, e foi compreendido como modo de abordar o pensamento

elaborado em qualquer espaço geográfico e momento histórico, e torná-lo intercessor de processos de pensamento atuais. O conceito de “intercessores”, por sua vez, tornou-se fundamental para o desenvolvimento das ideias aqui propostas.

A filosofia de Gilles Deleuze não será abordada como um todo, nem suas criações conceituais. Não se trata de uma “tese deleuziana” nesse sentido. Mas, bem a seu modo, o elegemos para *pensar junto* conosco o problema da antiga e imemorable relação entre filosofia e literatura, já que seu interesse pelo “não-filosófico” para pensar os problemas da filosofia ressalta a positividade da comunicação entre saberes. A princípio, este trabalho tinha a pretensão de “mapear” as heranças da tradição filosófica canonizada reconhecidas na obra de Guimarães Rosa. Algumas entre as sugestões que recebi foram: procurar os filósofos que o literato admira e cita; analisar o que salta aos olhos no próprio texto, através de citações; ler o texto de Rosa como filosofia brasileira. Foi necessário, no entanto, mudar o foco para que a tese começasse a assumir o modo como foi desenvolvida. Aquilo que antes era considerado por mim “filosófico” em Guimarães Rosa, passou a ser visto como estratégias de seu *pensamento*. No que diz respeito à reivindicação nietzschiana por uma linguagem condizente a seu filosofar, passei a considerar essa exigência como estratégia capital de seu projeto filosófico, e não como simples utilização da estética literária para criar textos de filosofia. O que possibilitou conquistar essa nova percepção, que busca não estabelecer hierarquias entre os dois saberes, foi uma proposta de Gilles Deleuze: filosofia, arte e ciência são três modos distintos de *pensar*, cada qual tendo sua especificidade. No entanto, elas não cessam de interceder entre si, sendo, todas elas, criação e pensamento a seu modo.

Outra concepção do filósofo francês que nos acompanha nesta discussão é a de que o pensamento se elabore segundo “eixos geográficos” e que haja três imagens distintas de filósofos: da altura, da profundidade e da superfície. Em sintonia com essa importante elucidação, ampliamos a apreensão para *três imagens de pensadores* e, assim, apreciamos momentos da poética de nosso escritor de literatura e de nosso filósofo. Segundo a interpretação aqui defendida, eles estiveram atentos a essas características “geográficas” do pensamento e às suas exigências. Portanto, inventaram seus mecanismos criativos graças à movimentação e ao questionamento constante desses espaços e daquilo que eles requerem.

Outra reivindicação que consideramos tornar os pensamentos de Nietzsche e Rosa cosanguíneos é a crítica à supervalorização dos procedimentos puramente racionais, já que se recusaram a dissociar intelecto e sensações. Essa inquietação os torna “contemporâneos”, irmãos de pensamento. As vertentes filosóficas que pregam a separação espírito X corpo, razão X sensível, essência X aparência, considerando as primeiras superiores às segundas, sempre foram alvos da crítica nietzschiana. Guimarães Rosa, por sua vez, ressaltou na famosa entrevista a Günter Lorenz, nas conversas com o tradutor italiano Edoardo Bizzarri e em suas próprias histórias não se deslumbrar com essas mesmas interpretações hierárquicas da vida e do mundo.

Um dos motivos da eleição do escritor mineiro e o filósofo alemão para pensar a relação filosofia e literatura, e reconhecê-los como irmãos de pensamento, foi o fato de considerar que a poética-pensante de ambos se aproxima devido às estratégias — distintas, mas próximas — utilizadas na criação de suas obras. Guimarães Rosa, quando revela a Lorenz suas influências, não cita o nome de Nietzsche. No entanto, o que nos fez escolhê-los é a hipótese de que ambos recorram a espaços de pensamento aparentados. A já referida noção de “contemporâneo”, defendida por Agamben, nos ajudou a aproximá-los por meio de suas propostas criativas, sem considerar uma restrição o fato de que Rosa praticamente não citou Nietzsche, e este tampouco conheceu a obra daquele. Passei a considerar que, na esfera do pensamento, as ideias, as propostas, as inquietações se encontram, e isso não está estritamente relacionado ao espaço físico-geográfico, nem ao tempo cronológico, nem às citações explícitas.

Discutiremos, no “Caso Nietzsche”, assim como em tantos outros momentos, os problemas enfrentados pelo filósofo, que releu a Grécia antiga não porque buscava ali pura erudição; tampouco para adequar-se às interpretações valorizadas pela crítica. Ele encontrou naquela cultura e naquele tempo instrumentos para elaborar seu *pensamento trágico* e repensar seu presente. Do mesmo modo, Guimarães Rosa cunhou o conceito de “sertão” e “inventou” personagens sertanejos para elaborar suas histórias. No entanto, atentaremos para o fato de que as descrições correntes, etimológicas, político-sociais para os dois termos não alcançam aquilo que ele perseguia como criação. Para analisar a recorrência dos autores a esses “espaços criativos” que criaram, recorreremos ao que Deleuze caracterizou como “anedotas de vida” e “aforismos de pensamento”,

referindo-se ao trabalho de Nietzsche. Essas duas noções tornaram-se muito relevantes para a leitura elaborada neste trabalho.

*

A tese está estruturada em três capítulos: “O caso Nietzsche”, “O caso Rosa” e “A relação filosofia e literatura”. Eles, no entanto, não têm por intenção restringir a discussão nos espaços compreendidos entre os títulos. Não há separação em sub-tópicos e sub-sub-títulos, mas por asteriscos. Os mesmos sinalizam a discussão de alguma temática, considerada relevante, mas que pode e, provavelmente, deve ser retomada. As constatações não são lineares. Abandona-se e retoma-se os problemas. Conforme o andamento do texto e a descoberta de novas possibilidades de abordagem do pensamento de nossos autores, voltei, segui, abandonei e retomei os problemas apresentados. Há algumas repetições, mas elas têm sempre por objetivo trazer algo novo e/ou dar continuidade a uma proposta já levantada. Intenciona-se retomar as problemáticas, de maneira a fazê-las retornar sob perspectiva distinta. Somente no “Caso Nietzsche” há alguns subtítulos, pois este foi o primeiro capítulo a ser escrito; por isso, ele traz consigo marcas de minha abordagem inicial.

*

Nietzsche e Rosa revelaram a seus leitores — um na famosa entrevista, outro em sua autobiografia — que seus escritos deram trabalho. Tanto eles quanto suas personagens de que nos ocupamos mais acuradamente em analisar os movimentos nesta tese são viajantes, andantes, poetas. Rosa foi diplomata, mas voltava-se para sua terra natal, Cordisburgo, para inspirar-se e no momento em que elaborava seus textos, pela imaginação. O outro foi professor e, após a aposentadoria precoce, passou a viajar muito. Durante essas viagens, abastecia-se, lapidava e elaborava seu pensamento filosófico. Na tese, considere variadíssimos momentos da escrita de ambos, em entrevistas, aforismos, relatos autobiográficos, histórias, cartas e os trouxe à discussão quando foram considerados relevantes. As personagens Grivo, da novela “Cara-de-Bronze”, e Zaratustra, de Nietzsche, no entanto, são as protagonistas de minha análise do pensamento poético dos autores.

*

Diário

Berlin, 17 de junho de 2011.

45, Rothenburgstrasse, Steglitz

A tese que vou apresentar agora começou a ser escrita no segundo semestre de 2003. Foi quando o departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro ofereceu a disciplina “Monográfico de Literatura Brasileira”, na qual me inscrevi para terminar a graduação naquele mesmo ano, que comecei a escrevê-la.

A proposta do curso era a seguinte: tínhamos que escolher dentre alguns autores — nem todos brasileiros, penso agora — alguma temática para trabalhar. Escolhi um conto de Ítalo Calvino, que não me lembro mais qual foi, e disse que trabalharia a relação da vida urbana e no campo. Mas disse isso porque chegou a data de apresentação de proposta e eu ainda não tinha ideia do que fazer. Como sempre, como sempre: atrasada. Penso devagar, admito.

Entreguei um trabalho horrível, e a até então “professora” me chamou para entregá-lo com um *REFAZER* bem grande escrito, com uma letra admiravelmente linda e em vermelho. Mesmo assim, não sabia ainda o que fazer... até que comecei a ler mais um dos livros propostos no curso, também do autor italiano: *Palomar*. Livro de contos. “Leitura de uma onda”, *Palomar na cidade*, e o narrador dizendo que, no fundo, sempre tem um queijo que nos escolhe, dentre aqueles tantos no supermercado, mesmo se consideramos, ingenuamente, termos sido nós quem o escolheu. Fascinação. Tinha encontrado meu tema. Agora podia ir lá, apresentá-lo à professora e me retratar.

Depois da elaboração desse trabalho, nunca mais parei de pensar sobre as questões que comecei a me dedicar a partir dele. Não tinha internalizado ainda que nossos textos têm, geralmente, um título. Mas no dia da segunda apresentação de nossas propostas, vi na relação dos alunos: “Leinimar de Jesus Alves Pires: ‘Questionamentos filosóficos em *Palomar*’”.

A professora escolheu um título para mim, para meu texto, e só me fez mais e mais entrar naquele universo. Com o professor Emanuel Carneiro Leão, no curso de filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, fiz cópia de uma

apostila intitulada “ Filosofia I”, na qual, entre sua explicação para alunos de primeiro período, apresentava fragmentos de um discurso de Martin Heidegger, no qual o mesmo dizia que “a filosofia de tipo tradicional desapareceria do horizonte do homem da civilização técnica” e que ela estava se dissolvendo em saberes independentes como “a poetologia, a linguística, a psicologia etc.” Era tudo o que eu precisava naquele momento. Mas como muitas vezes olhamos exatamente aquilo que queremos ver, foi só anos depois, já na defesa do meu projeto de qualificação, que soube, pelo professor Charles Feitosa, que o fragmento se tratava de uma crítica dura a tal acontecimento, a esta perda de lugar e status da filosofia, e não de uma *constatação*, como eu havia imaginado, direcionando o problema para o lado que me convinha.

O mais importante para meu interesse, no entanto, não se perdeu. Pelo contrário. Comecei a perceber essa “dissolução” da filosofia como algo positivo. Melhor dizendo, talvez o que vinha me dando conta era de que a filosofia não pensa sozinha sobre seus problemas e nem tem sobre eles supremacia: há saberes que lhe são consanguíneos ao se dedicarem às mesmas questões.

Outra coisa que me lembro bastante a respeito desse trabalho de curso foi que a professora um dia me disse: “Nossa, você se envolveu com o trabalho...” Que excelente percepção, pois era verdade, eu passava todo tempo pensando naquele trabalho (no ônibus, andando na rua, nas outras aulas, no IFCS...) e em como as questões que a filosofia trata são também discutidas e esmiuçadas em distintos campos de saber; e como há literatos que também escrevem sobre os mesmos problemas sobre os quais a filosofia se debruça; e como tais problemas fazem parte de nosso interesse enquanto homens, em locais, campos do saber e/ou perspectivas distintas.

*

18 de junho, 24:20

“Questionamentos filosóficos em *Palomar*” me fez, pela primeira vez, ou de forma mais sistemática, perceber que pode haver um diálogo entre filosofia e literatura, que há uma relação muito antiga e inistente entre esses saberes. A metodologia utilizada naquele momento, para abordar essa relação, foi a

“aplicação” ou experimentação de problemas tratados pela filosofia no texto literário. É o que minha amiga e musa intelectual Anna Paula — exemplar e genialmente, *comme d’habitude* — denominou ou conceituou mais tarde como “ilustração filosófica”: usar a literatura como campo de “experimentação” da filosofia. Nesse escrito estão presentes desde os pré-socráticos até o já citado Martin Heidegger, acompanhados, ainda, por Nietzsche, Espinosa, Schopenhauer...

Depois do Monográfico de Literatura Brasileira veio, então, a referida formatura em Letras e o início do Mestrado em Estudos de Literatura. E talvez o ensaio do curso tenha sido o último antes de um pedido de pausa e “mudança” de ares.

Talvez a primeira vez que eu tenha pensado realmente porque segui “outros” caminhos no Mestrado tenha sido através de uma entre as intensas e variadas conversas por email que comecei a estabelecer com o professor da Freie Universität Berthold Zilly, a partir de junho de 2010.

Berlin, 19/06/2011

Depois de ter estudado tanta filosofia alemã, tanto a língua alemã, trabalhado com tantos alemães, havia decidido vir para a Alemanha, onde estou escrevendo este texto, neste exato momento. Para que esse evento ocorresse, eu e Marília procuramos alguns possíveis orientadores, e em todos os emails que recebemos como resposta as pessoas citavam: “Professor Berthold Zilly. Mas acho que ele vai se aposentar...”. Resolvi tentar a sorte, e escrevi para ele, me apresentando e perguntando se gostaria de ser meu orientador em uma eventual pesquisa na Alemanha. O mesmo me respondeu que sim, e mantivemos uma constante correspondência. Em uma delas, fui obrigada a explicar-lhe porque tinha interesses em variados temas, já que no mestrado tinha estudado o conceito de cultura popular, através da obra de Chico Buarque, tinha me graduado em Filosofia e Letras. A seguir, um pequeno trecho de nossa correspondência:

From: leinimar@hotmail.com
To: zilly@ fu-berlin.de
Subject: Oi!
Date: Tue, 1 Jun 2010 04:54:34+0000

Oi, Professor Zilly!

[...] É que primeiro me dediquei a estudar filosofia e, conjuntamente, decidi estudar literatura.

Com isso, comecei a me interessar em perceber como ambas se relacionam amplamente, mas cada qual guardando suas peculiaridades.

[...]

Depois de estudar filosofia e perceber um certo “eurocentrismo” entre os estudantes e intelectuais da área, no mestrado resolvi me dedicar a estudar o Brasil, a cultura popular, através da obra de Chico Buarque (e já a especificidade que tem um “popular” elaborado por Chico Buarque).

Mas tem sempre uma questão que eu persigo, que é buscar perceber como e através de [quais] instrumentos pensa o Brasil, seja na música, seja na literatura, seja através da sabedoria popular. Por isso elegi Guimarães Rosa, que coloca seus personagens sertanejos no lugar que “naturalmente” seria destinado aos intelectuais. Ele é um grande conhecedor da cultura erudita, das línguas, de várias culturas, mas soube transpô-los (de maneira interessantíssima, a meu ver) para a boca de vaqueiros, sertanejos que preocupam-se com as mesmas questões que os filósofos ou “doutos professores”, mas de maneira especial.

A descoberta de um teórico argentino, Walter Mignolo, que me apresentou minha orientadora [apresentado a ela pelo companheiro Felipe] , tem me ajudado a elaborar a questão que há tanto tempo me acompanha: não é que a América Latina não pense, não produza pensamento nem filosofia; a questão é que ela, por sua especificidade, por sua herança histórica, pensa de outra maneira! Quando se busca um purismo, ou copiar os modelos europeus do que se denominou como filosofia, ou “alta filosofia”, os resultados ou inexistem ou são um pouco estranhos, a meu ver. Por isso me encanta tanto Guimarães Rosa e seus personagens, que já pensam sob outra instância, a da literatura, e, além disso, não são os exemplos daquilo que os “puristas” buscam como representantes da melhor maneira de pensar...

Estou escrevendo exausta, depois de um dia de muito trabalho, mas podemos conversar mais detalhadamente em breve. Assim eu espero!

Sinta-se à vontade para sugerir, criticar, discordar, contribuir etc!

Um abraço,
Leinimar.

Pela exigência de informar a meu futuro (e neste momento, felizmente, atual!) orientador sobre qual era meu projeto de pesquisa de Doutorado e porque ele se diferia tanto de minha pesquisa no Mestrado, formulei em um texto rápido de e-mail algumas das inquietações que me acompanhavam há anos. Por ter escutado e nunca haver esquecido, “máximas”, como as seguintes: “Filosofia é Grécia e Alemanha. O que existe na França são comentadores” e ter respondido, de imediato: “Pois bem, Descartes é comentador de quem?”, comecei um pouco a me incomodar com certo eurocentrismo e, ainda mais do que isso, com uma “demarcação territorial-filosófica” para aplicação do dito eurocentrismo. Minhas inquietações aumentavam e aumentavam: Onde está o pensamento brasileiro?

Quem são nossos pensadores? Sobre o que pensam os pensadores? E, a mais fundamental: O que sei eu sobre o Brasil?

Foi quando decidi, definitivamente, estudar e escrever sobre o Brasil, sobre nossa arte, um dos lugares, a meu ver, de bela expressão de nosso saber, de nossa cultura. Além disso, já tinha escolhido para mim uma corrente filosófica que tratasse e se interessasse pela arte, pela cultura – pela vida! – etc.

Quando comecei o mestrado, claro que não sabia ainda o que fazer. Só sabia dizer: “Vou escrever sobre o Chico Buarque”. “Minha dissertação será sobre o Chico Buarque.” Por fim, realmente foi sobre ele que escrevi, conheci muito sobre nossa cultura, nossos artistas, ao trabalhar o conceito de sambista e de cultura popular, a partir de sua obra. E fiquei de bem comigo mesma, afinal, já conhecia mais sobre meu próprio país do que sobre a filosofia alemã!

No dia da minha defesa de Mestrado, no entanto, uma das participantes da banca, Giovanna Dealtry, me disse que eu deveria continuar pelo mesmo caminho; e eu disse, em sub-texto com a mesma amiga-musa Anna Paula: “Não! Meu Doutorado vai ser sobre o pensamento filosófico de João!” Brincadeiras à parte, fui buscar minha orientadora e, quando lhe fiz a mesma proposta, recebi como resposta: “Deus que te defenda!”

Paris, 14 de agosto de 2011.

68, Rue Monge, Quartier Latin

Espero mesmo que “Deus me defenda”, pois quanto mais procuro me dedicar ao tema de minha tese, mais percebo o quanto ele é amplo. Querer estudar a “relação entre filosofia e literatura” é parecido a perguntar a alguém: “você gosta de música?” Provavelmente a resposta será sim, mas a amplitude e as possibilidades que essa resposta comporta são assustadoras, pois a palavra “música” abarca um vasto leque, assim como dizer que se quer estudar “a relação filosofia e literatura”...

Na apresentação que fiz no curso da professora Suzanne Klengel, na Freie Universität, durante minha bela e produtiva temporada berlinense, busquei elucidar um pouco alguns caminhos de investigação sobre essa amizade entre ficção e pensamento, literatura e filosofia, arte e saber. Eu já tinha iniciado essa discussão no colóquio “Filosofia e Literatura – fronteiras”, em Sergipe, com a

professora Jacqueline Ramos, então mediadora da mesa que apresentei meu trabalho. No decorrer do doutorado me convenci de que esse é um dos mais antigos contatos entre saberes humanos e, também, um dos mais insistentes. Também percebi que Guimarães Rosa, o autor que escolhi para pensar junto a problemática literatura — pensamento, filosofia, é mais um dentro de um movimento que o antecede e o ultrapassa.

O que me chama atenção, no entanto, é que enquanto na França venho vendo diversas questões humanas sendo tratadas e discutidas no âmbito da filosofia — como, por exemplo, cultura, política, linguagem etc. — no Brasil as mesmas são discutidas em outros campos do saber, como a sociologia, a música e a literatura.

Mesmo que não seja o Brasil um exímio país de leitores, a literatura representa o “ambiente escrito” no qual muitas discussões são elaboradas — as quais nos países com “tradição filosófica” mais antiga, ou que denominem determinados exercícios de pensamento como “filosofia”, passam a ser de sua pertinência.

Paris, 28 de agosto de 2011.

68, Rue Monge, Quartier Latin

Foi em um Colóquio, que se chamava “L’animal dans le monde Lusophone – du réel à l’imaginaire”, organizado, entre outros, por minha orientadora francesa, Jacqueline Penjon, que percebi pela primeira vez a importância crucial de ter lido um trecho dentro de um texto-entrevista de Gilles Deleuze, intitulado “La transformation du boulanger”, que consta da seção “Os intercessores” do livro *Pourparlers*.

Essas pequenas e essenciais palavras caíram em minhas mãos graças à minha orientadora, Marília Rothier. Muita sábia, Marília já tinha percebido o que nem eu tinha realizado ainda: meu “antifrancesismo” filosófico. Foi no dia de minha qualificação que ela resolveu revelar publicamente esse meu preconceito filosófico.

Quando o professor Charles Feitosa, que também participou da banca, me sugeriu ler Derrida, eu olhei para Marília, que tomava notas, imparcial. Depois de sua intervenção, ela disse — para ele e para mim — que eu possuía algum

“dispositivo” que me afastava de ler autores franceses — que ela conhece muito bem, e os quais eu venho me esforçando para me familiarizar, pois vinha perdendo por puro “preconceito filosófico inconsciente”.

Admito que algo em mim realmente me afastava desses textos. Se na faculdade de filosofia não segui, por eleição, esses caminhos, tive inúmeras possibilidades no curso de Letras, mas, mesmo assim, eu me recusava. Considerava que ler um autor é buscar entrar em seu pensamento, o que ainda considero. No entanto, há maneiras distintas de entrar em um pensamento, e uma delas é entrar junto a outros que pensaram a mesma questão, o mesmo problema, o mesmo autor.

Eu acreditava que iria me “corromper”. Lembro mesmo de ter dito uma vez que não lia comentadores... (como se seguir um curso e, portanto, uma interpretação de um professor, não fosse acessar um autor segundo uma perspectiva...) Mas por sorte, tive meu doutorado para me “retratar”. [Também se pode notar, por esse discurso, a inocência de considerar os filósofos que elegem, explicitamente, outros para pensar junto, como elaboradores de “comentários”, e não de criações filosóficas próprias.]

No colóquio supracitado, percebi definitivamente a importância de ter conhecido o pensamento de Gilles Deleuze. O mesmo tinha como tema uma abordagem do animal no mundo lusófono, mas não se restringia à literatura. Houve a sessão “L’animal et l’imaginaire”, mais dedicada aos literatos; a segunda, “Protection de la biodiversité” e a terceira, “Relation Homme-Animal”, da qual gostaria de relembrar um pouco da última apresentação: « Man and animals in Portugal during and since the last Ice Age ».

A apresentação de encerramento do colóquio se tratava de uma análise, com gráficos, cálculos percentuais etc, que tinha por objetivo demonstrar a existência de uma precisa raça de bois em Portugal, na era do gelo, descoberta devido aos estudos de Zoólogos contemporâneos em Portugal. O pesquisador estava muito contente em mostrar as descobertas de seu grupo de trabalho, mas a plateia — formada em sua maioria esmagadora por estudantes, professores e pesquisadores de literatura — não se mostrava muito interessada ou satisfeita com sua fala, muito precisa, absolutamente dedicada a seu universo investigativo.

Foi então que comecei a pensar na importância do texto de Deleuze. O filósofo francês me chamou atenção para um fato que se tornou imprescindível ao

andamento de minha tese de doutorado. Quando busquei estudar a “filosofia de Guimarães Rosa”, me deparei com alguns problemas cruciais: que filosofia é essa? Ou ainda: por que isso se chama literatura e não filosofia? E o mais importante: o que aproxima essa literatura daquilo que conheço e considero filosofia? Depois, comecei a considerar aquele texto como uma “literatura filosófica”; mas ainda assim, me perguntava (e me pergunto ainda!): por que?

“Ce que m’intéresse, ce sont les rapports entre les arts, la science et la philosophie”, declara Gilles Deleuze em *Pourparlers*. Com essas palavras, encontrei parte do que vinha buscando, pois percebi, ao entrar no texto deleuzeano, que a filosofia, a arte e as ciências, assim como outros e tantos saberes, relacionam-se entre si. E talvez o que eu buscasse fosse compreender um pouco essa relação de saberes, para então poder buscar perceber o “filosófico” da literatura de Guimarães Rosa.

A filosofia, por si própria, é um saber que se estabelece através do diálogo com outros saberes. Ela discute, incessantemente, consigo mesma e com outros campos. E, por momentos, discute a mesma questão que discutem os outros saberes, sob seu ponto de vista próprio, sob sua *perspectiva*.

Já tendo entendido e me encantado com essa peculiaridade dos saberes humanos, o diversificado colóquio sobre os animais não me chocou tanto, nem a palestra super específica do professor que falava da raça bovina portuguesa, pois tinha compreendido que um mesmo ponto, um tema, um assunto qualquer pode ser tratado a partir de pontos de vista diversos. Assim sendo, em um mesmo colóquio, os animais podem ser vistos do ponto de vista da literatura, da ética animal, da zoologia... O professor Gilvan Fogel, na faculdade de filosofia, já tinha me aberto os ouvidos e os olhos, através de uma reflexão inesquecível: pedra? Há a pedra do pedreiro, há a pedra que o menino se esconde atrás, brincando de pique-esconde, há a pedra no sapato, há a pedra do Drummond...

Paris, 04 de setembro de 2011.

68, Rue Monge

(Sur le balcon)

Hoje percebo o quanto esta tese é fruto de um *olhar*. Uma das descobertas mais interessantes e úteis do meu período de graduação (quando me dedicava a estudar muitos filósofos alemães que releram a tragédia, nos diversos cursos que acompanhei com o professor Roberto Machado) foi perceber que os mesmos elegiam o texto literário como “chão filosófico” *par excellence*. Foi quando consegui alocar Nietzsche dentro do movimento filosófico e cultural do qual fazia parte, historicamente (porque descobrir a influência crucial do momento histórico pelo qual passava a Alemanha de Nietzsche também considero de fundamental importância), o autor se tornou, para mim, ainda mais interessante.

Ou ao ler Aristóteles – por exemplo, sua *Arte poética* – meu referido olhar o alocava para a questão que me interessava: se o estagirita se interessa em discutir, em seu curso no Liceu, os métodos, as técnicas para o fazer poético, este é um momento em que filosofia e literatura estão dialogando.

Quando os filósofos românticos alemães discutem a tragédia e, a partir dela, cunham o conceito de *trágico*, “ultrapassando”, assim, Aristóteles, vivencia-se outro momento em que filosofia e literatura dialogam. E quando Nietzsche, especialmente, vai fazer sua análise crítica da história da filosofia, ele “inverte o platonismo” também nesse ponto: o poeta torna-se o ápice, deixando de ser aquele, outrora, expulso do “reino” da filosofia para tornar-se a “voz”, o “dizente” do pensamento filosófico.

Como disse anteriormente, querer escrever uma tese sobre filosofia e literatura, ou sobre “a presença da filosofia na literatura de Guimarães Rosa”, como já chamei esse trabalho, é nada querer. O que aprendi e percebi, talvez como mais importante e essencial, é a necessidade de direcionar o olhar para algumas questões, nesse vasto, vasto sertão.